

JORNAL: A Tarde
CAD: Habitação Popular

DATA: 07/04/93
PAG: 03/04

o tema moradia, foi o problema da carência habitacional que é imensa no nosso país. As estatísticas correntes falam hoje entre 10 e 12 milhões o déficit. E se me perguntarem na Bahia e em Salvador eu não poderia responder senão a partir de estatísticas.

Recebo, agora, do Sr. Manoel Alfredo Filho, superintendente da Caixa Econômica, a informação confirmando que, realmente, o déficit habitacional no Brasil é de 10 a 12 milhões, e que no estado da Bahia, capital e interior, há um déficit de mais ou menos 600 mil habitações. Seriam 240 mil só em Salvador.

Esses de 10 a 12 milhões multiplicados por cinco vão representar um total de 60 milhões de pessoas sem casa. Então, no Brasil, há um déficit absurdo de casas.

Quais são os motivos? Desde o inchaço desordenado, caótico, anárquico das cidades, até o fato do baixíssimo poder aquisitivo. O problema da moradia aqui se insere num problema muito maior que é o da má distribuição da renda, da falência total. Nós temos no Brasil milhões de pessoas com poder aquisitivo zero. Isto porque o salário baixo, aleatório e a falta de um emprego estável e a ignorância, conspiram para que muitos tenham um poder aquisitivo zero, o que torna muito difícil resolver o problema da habitação, quando a habitação deve ser dada praticamente de presente. Porque não há o poder aquisitivo mínimo para o mínimo de habitação.

Então nós vemos que o espectro dos motivos da carência habitacional, do déficit habitacional, é um espectro muito amplo porque vai desde a migração desprotegida, sem rumo, até essa carência de poder aquisitivo por causa da má distribuição da renda, da ignorância, do analfabetismo. Então, por encontrarmos como Igreja, diante de uma consciência muito aguda do que é a casa, do que deve ser a casa para cada pessoa e cada família, e ao mesmo tempo diante, do escândalo do déficit habitacional, a Igreja julgou que era preciso agredir a consciência não só dos fiéis católicos, aos quais a Igreja se dirige em primeiro lugar, mas também agredir a consciência da sociedade em geral, sejam católicos ou não, mas de pessoas bem nascidas, de consciência reta, de coração sensível, católicos ou não, cristãos ou não, ateus que sejam, ou agnóstico, mas que tenham consciência reta. A todos estes a Igreja se dirige com isso que eu chamei de uma agressão, pacífica e não violenta, à consciência e ao coração para despertar essa consciência do gravíssimo problema da moradia.

Estamos multiplicando gestos, atos, para essa tomada de consciência, desde reuniões de bairros, movimentos de defesa de favelados, associação de moradores, até orações, vias sacras, círculos bíblicos em todo o Brasil, se multiplicam desde a Quarta-feira de Cinzas até o Domingo de Páscoa, porque nós queremos, por todos os meios, chegar à consciência dos católicos e não católicos com

o tema da Campanha da Fraternidade. Os meios de comunicação são preciosos para isso e a difusão do clipe da campanha como também mesas-redondas televisadas e outras atividades poderão ser preciosas para difundir e alargar, tornar maior a difusão do tema da Campanha da Fraternidade.

Termino dizendo que o meu desejo é de que a Campanha da Fraternidade produza efeitos também na sociedade civil. O tema da moradia conquistou, angariou uma unanimidade aqui no Brasil, quer dos poderes públicos, quer das lideranças civis, quer da parte religiosa do nosso País. Tem havido uma verdadeira unanimidade, o que é um bom auspício para nós que estamos preocupados com o problema. Minha última palavra é para exprimir uma convicção minha, que acabo também de exprimir em um artigo em A TARDE, onde eu dizia que assim como nas favelas, nas invasões, o único jeito de se construir um barraco é um mutirão. Isto é, todos trabalhando juntos ao mesmo tempo numa tarefa dura, mas ao mesmo tempo em estilo de festa.

Eu acho que no âmbito nacional, só um mutirão vai nos permitir solucionar o problema da moradia. Quando eu falo de mutirão eu entendo que trabalhem juntos os poderes públicos, o empresariado — sobretudo o da construção civil —, os movimentos de defesa dos favelados, ou as associações de bairros, também os movimentos de igreja, ou das igrejas, pois não deve ser só preocupação da Igreja Católica, e aqui há um ecumenismo fantástico que nós podemos realizar durante este ano, que é um ecumenismo habitacional, que pode ser uma forma de nós encontrarmos as várias denominações cristãs em torno do problema da moradia.

Os meios de comunicação social podem ser de grande valia neste mutirão, como também as organizações militares, fazendo com que a tarefa de construir habitação seja um cunho social do serviço militar. Por que não desdobrar ou alargar o serviço militar numa tarefa de construção civil de habitação? Eu creio que esses jovens de 18 anos que podem correr o risco às vezes até de uma perda de tempo, se não for bem organizado o serviço, poderiam encontrar um trabalho muito gratificante para eles, se forem organizados para a construção civil de casas para os parentes ou para os mais necessitados.

Portanto, eu pleiteio e lanço a idéia de um mutirão nacional em que operários se encontrem com empresários, com militares, com comunicadores sociais, com bispos e padres, com deputados, ministros etc., para esse grande mutirão que não seria um mutirão deslocado não, porque com essa falta de habitação nós podemos olhar uma metade do Brasil como favela. E como o mutirão é próprio das favelas, nessa grande favela chamada Brasil, cabe muito bem um mutirão nacional do qual todos devemos nos empenhar. Elogio esta iniciativa desta mesa-redonda, pela qual eu adiei por 24 horas, minha viagem a Roma, onde fui chamado.